



REPS - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 742-756, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

## O PENSAMENTO DECOLONIALISTA DO SINCRETISMO DO VALE DO AMANHECER

### THE DECOLONIALIST THOUGHT OF THE VALE DO AMANHECER SYNCRETISM

José Paulo dos Santos Rosas de Castro<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa etnográfica em andamento sobre o pensamento decolonialista presente no sincretismo religioso do culto do Vale do Amanhecer. Esta doutrina espiritualista representa uma transformação sincrética do multiculturalismo religioso brasileiro. A pesquisa analisará o pensamento decolonialista dentro deste universo simbólico que é parte significativa da cultura brasileira. Objetivamos também explicar a história do Vale do Amanhecer; compreender a união do pensamento decolonialista entre as diversas diásporas; explicar se e como aconteceu o vencimento do determinismo das religiões originárias e identificar as permanências, resistências e negações aos moldes hegemônicos das religiões originais. Acreditamos na hipótese de que se revelarão pensamentos de resistência decolonial, expostos pelos ritos e signos do culto. Os sincretismos brasileiros podem se apresentar como formas de resistência decolonial que criam novas realidades, com sentimentos de mais integração social do sujeito.

**Palavras-chave:** Sincretismo. Decolonialidade. Vale do Amanhecer.

#### ABSTRACT

This article presents an ongoing ethnographic research on the decolonialist thought present in the religious syncretism of the Vale do Amanhecer cult. This spiritualist doctrine represents a syncretic transformation of Brazilian religious multiculturalism. The research will analyze the decolonialist thought within this symbolic universe that is a significant part of Brazilian culture. We also aim to explain the history of Vale do Amanhecer; understand the union of decolonialist thought among the different diasporas; explain if and how the expiration of the determinism of the original religions happened and identify the permanences, resistances and denials to the hegemonic molds of the original religions. We believe in the hypothesis that thoughts of decolonial resistance will be revealed, exposed by the rites and signs of the cult. Brazilian syncretisms can present themselves as forms of decolonial resistance that create new realities, with feelings of greater social integration of the subject.

**Keywords:** Syncretism. Decoloniality. Vale do Amanhecer.



## 1 INTRODUÇÃO

O Vale do Amanhecer (VDA) é uma doutrina espiritualista fundada na década de 1960 por Neiva Chaves Zelaya mais conhecida como Tia Neiva. A Tia Neiva construiu o VDA a partir de revelações em sua maioria derivadas do imaginário afro-brasileiro, do espiritismo e do catolicismo popular. Ela ampliou a cosmovisão espírita muito além do que Alan Kardec, fundador da doutrina, ou mesmo Francisco Xavier, seu máximo expoente no Brasil, poderiam jamais ter imaginado (CARVALHO, 1999).

A nossa história pessoal se entrecruza com o culto espiritualista do Vale do Amanhecer. Como *outsiders*, vindos de uma cultura distinta, algumas questões filosóficas intimistas se acentuaram no contexto brasileiro, por vezes, em conflito com nossos ideários. A busca de respostas a questões filosóficas, como por exemplo, quem somos nós e o que estamos aqui a fazer, nos levaram a tentar encontrar as respostas fora da lógica acadêmica. Em momentos de profunda angústia existencial, por vezes, as buscamos no metafísico, no espiritual, num tipo de esperança de que algo se revelaria e que nos aliviaria das incertezas e inseguranças.

A cultura se apresenta conforme é vivida, revivida, significada e ressignificada. O seu entendimento depende da observação em tempos e espaços diferentes, do conhecimento de seus significados e da compreensão dos processos que levaram às suas adaptações e adequações (CHUEIRE, 2021).

Tradicionalmente educados numa cultura religiosa católica apostólica romana e, mais tarde, a partir da juventude, dentro do racionalismo ocultista cristão da Teosofia de Elena Petrovna Blavátskaya, a nossa visão do espiritualismo se rendia a uma lógica construída sobre valores principalmente cristãos. Mas, em 2002, a porta que se abria tinha como tela de fundo o Brasil, um país de múltiplas realidades culturais.

O VDA surgiu neste contexto de pesquisa pessoal em 2010, na forma de uma imersão na compreensão dos ritos e conceitos da doutrina. Fomos convidados a fazer parte do culto como membros da comunidade mediúnica. Foram 12 meses em que nossa vida se fez integralmente dentro do contexto cultural desta comunidade na cidade de Planaltina, Goiás. O banho frio de vivenciar uma realidade distópica, acordou a ânsia de compreender esta paisagem cultural. Entender o sincrético se criou objetivo, expresso na vivência pessoal nas diversas formas de espiritualidade

brasileira, no VDA, na Umbanda, no espiritismo kardecista, no uso da ayahuasca, do rapé e em diversas formas de expressões mediúnicas.

Hoje, em 2022, a ânsia de conhecimento tem em nós bases outras. A formação acadêmica reanimou a pesquisa, desta vez com as novas qualidades que um curso superior constrói no nosso saber, outrora inexistentes. Ao longo dos vários semestres na educação superior, o nosso entendimento de mundo foi remodelado, reajustado e se abriu para possibilidades antes veladas. O pensamento de Fernando Pessoa delinea brilhantemente essas condições sentidas:

O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles. **A primeira é a simpatia**; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. **A segunda é a intuição**. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja. **A terceira é a inteligência**. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado. **A quarta é a compreensão**, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes. **A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça**, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo (PESSOA, 2022, n.p, grifo nosso).

O VDA, uma comunidade religiosa fundada segundo as visões da Tia Neiva, conta hoje com milhares de adeptos e se expandiu por vários estados do país. O VDA apresenta-se com uma pluralidade de signos e de ritos, formando um dos universos religiosos mais complexos de um *ethos* espiritualista genuinamente brasileiro. Todavia, sem aparentar um rompimento total com as religiões dominantes, desafia-as frontalmente ao propor um sincretismo ou paralelismo entre as diversas divindades.

Esta transfiguração das doutrinas religiosas originais, do cristianismo, do candomblé, do xamanismo, apresenta-se como uma forma profunda de pensamento

decolonialista. É a negação de viver com princípios morais que não geram sentimentos de pertencimento. É um evento de resistência política e epistêmica, quando se sente a necessidade de uma vida sob outros valores, distintos dos preceitos que o cultos originais não entregam. Os valores religiosos trazidos pelas colonizadores não fazem sentido, são percebidos com sentimentos de estranheza. Surge assim um caminho para a singularidade do sincretismo decolonialista brasileiro, onde se criam novas cosmovisões, onde os arquétipos religiosos originais das culturas colonizadoras são metamorfoseados em novos conceitos, em novos ritos e em novos pensamentos que representam melhor as necessidades morais dos grupos que se unem em torno dessas novas crenças.

Para Evangelista (2022), este contexto de múltiplas cosmovisões, precisa ser (re)descoberto para se entender melhor o pensamento decolonialista presente no sincretismo religioso brasileiro. Reconhecer as identidades, os pensamentos e os saberes ancestrais e suas metamorfoses, é fundamental para a compreensão da sociedade multicultural brasileira.

Assim temos como objetivo geral da pesquisa compreender o pensamento decolonialista presente no sincretismo do culto espiritualista do VDA e como objetivos específicos explicar a história do VDA, desde a sua gênese até os dias atuais; compreender como aconteceu a união do pensamento decolonialista entre as diásporas; explicar se e como aconteceu o vencimento do determinismo das religiões originárias no VDA; compreender se o tecido sincrético do pensamento espiritualista do VDA é elemento concreto de resistência decolonial; identificar no VDA a presença no tecido sincrético, das formas de resistência e de negação aos moldes hegemônicos das religiões originais; identificar no VDA as permanências nos tecidos sincréticos, ou seja, os pensamentos das religiões originárias que se mantiveram intactos.

Ao interagir com a comunidade, escutando as falas, assistindo aos ritos, observando os comportamentos, pretendemos iluminar o processo decolonizador que assume a sua essencialidade na vida social humana e que somente uma ampla base de dados descritivos será capaz de dotar com uma primazia que ajude a compreender a conduta e o conhecimento humano (HERSKOVITS, 1963).

Conhecemos o risco inerente à pesquisa de, como *outsiders* a esse culto, sermos acusados do “[...] incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro, e por meio dele, construir um discurso de resistência” (SPIVAK, 2010,

p. 12), mas nossa intenção está alinhada com o pensamento de Spivak. Nós tentaremos criar um espaço para que aqueles, os membros do VDA, possam também falar, serem escutados e compreendidos. Assim como Hooks (2019), acreditamos que esta luta precisa incluir *outsiders* como aliados, combatendo a intolerância religiosa e as imagens estereotipadas de representação que viraram obsessões contemporâneas. Nosso compromisso é com a justiça do presente, questionando intensamente as perspectivas existentes sobre o sincretismo brasileiro. Afinal, nossa própria identidade é hoje miscigenada, nossas significâncias são sucessivamente desmontadas e remontadas pela vivência nos múltiplos diversos da realidade social brasileira.

Existe, neste nosso compromisso, a vontade de ultrapassar os determinismos nos conceitos do misticismo religioso, um desejo de transgredir a fronteira entre o humano e o divino, distante das narrativas religiosas dominantes que chamam para si a única razão possível. É para além deste véu que queremos colocar o nosso olhar.

O VDA apresenta-se assim como um espaço de movimentos de pensamentos de resistência decolonial. Neste sentido, essa pesquisa propõe reunir, em seu corpus de análise, elementos que permitam o estabelecimento de inter-relações entre formações identitárias, religiosidades, por entender que, no Brasil, os sincretismos possuem dinâmicas socioculturais nos seus modos de vida, a partir de perspectivas de mundo muito diferentes das perspectivas do mundo europeu ocidental, sem estar alheios às questões políticas, econômicas e sociais contemporâneas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Exercitando intensamente a sua criatividade mitológica e ritualística, a Tia Neiva realizou uma releitura das outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que pode ser considerada dentro do sincretismo tipicamente brasileiro, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um ‘caboclo’ (espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Pai Seta Branca (CARVALHO, 1999, p.8).

Temos, então uma brasileira de quarenta e quatro anos, oriunda de uma classe social menos favorecida que se afasta do lugar de subalternidade aceitável para a mulher: é caminhoneira migrante; é criadora de um culto que desafia as formas

religiosas estabelecidas secularmente e é líder de uma grande comunidade religiosa. Tia Neiva rompe com os determinismos sociais que “[...] mantêm as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão” (SPIVAK, 2020, p.12).

A linguagem usada no VDA apresenta termos e conceitos únicos, identificados somente entre a comunicação de seus membros. Esta linguagem cria valores, ideias, símbolos, memórias e tradições que conjuntamente compõem partes da identidade de uma cultura sincrética única. Esta identidade é constituída através de práticas do *self* que podem se apresentar como comportamentos de resistência decolonialista ao criar novos conceitos sobre a realidade e os mundos espirituais, fortalecendo sentimentos de pertencimento a um novo olhar que se sobrepõe a uma fé anterior, considerada incompleta e desajustada.

Tais conceitos e idiomas são móveis, reversíveis e instáveis. Não podem ser reduzidos a uma ordem puramente biológica baseada no sangue, na raça ou na geografia moral. Nem podem se reduzir à tradição, na medida em que o significado desta última está constantemente mudando (MBEMBE, 2001, p. 199).

Segundo Chueire (2021), a religião e suas linguagens é um importante universo intangível da cultura, fazendo parte de todas as sociedades. Ocupa um lugar central, orientando pensamentos e ações, definindo ritos e celebrações e até instituições. Ao analisarmos aspectos aparentemente intangíveis das religiões, ultrapassaremos a simples definição conceitual, entraremos no campo do sentir, sentir pertencimento, sentir-se parte identitária, sentir-se integrado a um grupo e seus indivíduos.

O encontro das diferenças no território brasileiro sempre foi um assunto a ser observado com atenção. Todas as manifestações e representações de identidades não hegemônicas, as identidades ‘invisíveis’, de padrões e imagens distintas dos modos eurocentrados, são rechaçadas e desconsideradas.

## **2.1 Referencial Teórico**

Buscamos centralizar o estudo na temática do pensamento decolonialista, refletindo sobre a noção de identidade do sujeito criador de resistência sob a forma de elementos religiosos que buscam romper com os estereótipos hegemônicos. Para Shoat e Stam (2006, p. 270), “[...] a questão crucial em torno dos estereótipos e

distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre a sua própria representação. ”

Stuart Hall (*apud* HOOKS, 2019) refere-se à identidade cultural como uma questão de ser e do devir. Ser este construído numa transformação constante, num contínuo jogo da história, da cultura e do poder. Os ideais espirituais, o devir religioso, se transformam em linhas de vida e são elementos constituintes de identidade.

Assim como Bernardino-Costa; Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), entendemos a decolonialidade como os eventos de resistência política e epistêmica, e adotaremos uma definição ampla, num sentido que abranja a longa resistência da população brasileira, com o objetivo de abarcar ideias, ideais, pensamentos e processos presentes, mas nem sempre facilmente visíveis, no mundo sincrético da espiritualidade humana.

Os membros e as pessoas que visitam os templos do VDA, em busca de solução para sofrimentos e angústias, são em grande parte de grupos minoritários. Os templos expõem imagens de velhos escravos negros, de xamãs e guerreiros indígenas, de princesas e guerreiros africanos, de humanos extraterrestres habitantes de outras galáxias, entre muitas outras, como figuras centrais nas significâncias do culto. Hooks (2019) pede que consideremos a perspectiva a partir do qual olhamos, nos interrogando e identificando atentamente com quem nos identificamos e quais imagens amamos. O VDA direciona seus ideais para imagens com múltiplas raças, gêneros e origens étnicas. Desvelar estes signos e como as suas interpretações são moldadas, pode nos levar a descobrir profundas significâncias relacionadas a formas de resistência aos estereótipos religiosos. “Ao examinar as religiões, o conhecimento tanto de sua prática e de suas particularidades quanto do contexto no qual se desenvolveram e de suas interações sociais é fundamental para a configuração de uma análise completa” (CHUEIRE, 2021, p. 14).

As práticas religiosas são diversas e plurais, impondo ao pesquisador pensá-las a partir da diversidade que caracteriza a realidade social. A gama de religiões existentes no Brasil são um espaço privilegiado para compreender a pluralidade de sentidos do sincretismo que as compõe. Essas práticas são diversas, assim como a realidade social, que é complexa e não unívoca. Pensar a configuração espiritual no Brasil é, num primeiro momento, se deparar com a diversidade e a pluralidade de

religiões, doutrinas, seitas, credos e demais manifestações que contribuem para que se congregate um pujante sincretismo (PONTES, 2021, p.11).

Para Hall (2004 *apud* PEREIRA, 2016, p. 81) a diáspora ilumina o sincrético, “[...] numa perspectiva dialógica, dialética, de trajetórias cruzadas e de criouliização, mas no meio de relações de poder totalmente assimétricas”.

É no mínimo uma miopia teórica e no máximo uma completa ingenuidade culturalista supor que a problemática dos cultos brasileiros se resolva apenas na dimensão simbólica. Ao lado dos fenômenos mítico-religiosos alinham-se os pulsões da afirmação grupal, as reivindicações do reconhecimento identitário e as práticas de poder (SODRÉ, 1999, p.169).

Bourdieu (1996) aponta que, uma trajetória é a objetivação das relações entre os sujeitos e as forças presentes num determinado campo, neste caso, entre o sincrético, o pensamento decolonialista e os sentimentos metafísicos do sujeito que os vive. Para Minayo (1992), a etnografia alberga estas reflexões que se abrigam sob seu próprio nome.

O fenômeno do pensamento decolonialista, dada a sua extensa expressão cultural evidente nos símbolos do VDA, é um atrativo campo de pesquisa, que poderá indicar elementos de uma reflexão genuinamente brasileira. Alguns desses elementos têm contextos aparentemente díspares, que ao serem ajustados para uma análise sistematizada, poderão evidenciar uma organicidade, demonstrando que o VDA se constitui resignificando signos de outras origens para criar ideais únicos. Estes espaços multiculturais se configuram lugares sincréticos que se reapropriam de significâncias e as realocam dentro de um novo campo identitário (CARVALHO, 1999).

As questões religiosas têm um significado especial para os escritos que discutem o irracionalismo do pensamento etnocêntrico europeu. Estas discussões são recursos fundamentais para pensar a questão da identidade, assumindo o sincretismo como uma forma de resistência identitária ao absolutismo étnico. “A presença do sujeito diaspórico pode quebrar o discurso determinante de uma cultura que se considera homogênea, porque questiona a relação entre identidades e pertencimento” (PEREIRA, 2016, p. 73).

Para Clifford Geertz (*apud* CHUEIRE, 2021), a religião é um sistema de símbolos que geram motivação e outros sentimentos difusos, duradouros e dão ordem à existência humana. As religiões brasileiras carregam consigo uma longa experiência

de marginalidade. O VDA contém uma textualidade sagrada que comporta, não apenas o sincretismo, mas também o confronto de crenças e o diálogo interreligioso. Assumimos, junto com Gomes (2017, *apud* CHUEIRE, 2021) que a religião, assim como a cultura, é uma combinação de diferentes dimensões, é um sistema que modela nosso pensar e agir, nossas relações sociais e valores. Esta cultura condiciona e ao mesmo tempo liberta o pensamento para o diferente. A cultura religiosa de um povo, atua como guia moral para a vida desse grupo e se manifesta em suas ações do cotidiano.

## **2.2 Metodologia**

O método etnográfico ajudar-nos-á na finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural ampla, entendendo como quatro os elementos essenciais da cultura que iremos abordar nesta pesquisa (BERNARDI,1974):

1. O *anthropos*, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal, na forma da experiência do pesquisador e da vida dos membros da comunidade do VDA;
2. O *ethnos*, a comunidade ou o povo entendido como associação estruturada de indivíduos, compreendido como o VDA;
3. O *oikos*, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem existe, compreendido como o sincretismo e a afro-diáspora;
4. O *chronos*, o tempo, a história e a memória do VDA e dos seus sujeitos.

Bernardi (1974) destaca que só um destes fatores, isolado, não constitui a cultura. A presença dos quatro é essencial para que o processo cultural aconteça. Cada ação única, mesmo sendo nova, original ou importante, está destinada a apagar-se se não for apropriada num conjunto orgânico e transmitido como parte de um patrimônio comum.

Nesta trajetória etnográfica, levar-se-á em consideração não só o que é visto e experimentado, mas também o não explicitado, o subentendido. Estas temáticas metafísicas, estudadas apenas com um olhar padrão, são distorcidas, não levando em consideração elementos basilares às culturas, como os significados intimistas presentes na espiritualidade dos sujeitos. Aqui as diásporas se misturam à experiência

espiritual da cultura e da identidade, colocando a religião como elemento de pertencimento e diferença.

Mattos (2011, *apud* EVANGELISTA, 2022, p. 21-22) aponta esta forma de pesquisa como um:

[...] processo conduzido pelo senso prevalecente interpelador do etnógrafo. Assim, os procedimentos e o uso das técnicas etnográficas não obedecem a estruturas e padrões estritos, homogêneos e pré-determinados, mas abrangem uma gama de opções e variações técnicas a fim de atender às demandas da pesquisa.

Na etapa atual fazemos a pesquisa bibliográfica e documental na rede das bibliotecas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e na sede do culto espiritualista do VDA em Aquidauana, onde recolhemos dados sobre os conceitos, os ritos, a história e a memória do culto, dados estes inter-relacionáveis com os objetivos de nossa pesquisa. Esta fase comporta também a análise e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética.

Numa segunda etapa, faremos uma imersão etnográfica no templo do VDA, na forma de observação participante, assistemática, que objetivará conseguir informações sobre conceitos regularmente velados ao público em geral. Pesquisaremos os fios estruturantes do tecido do pensamento decolonialista presente no sincretismo religioso do Vale do Amanhecer.

Esta abordagem ajudará a identificar e obter provas a respeito dos pensamentos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento (LAKATOS, 1996). Buscaremos identificar os conceitos relacionados aos determinismos, aos vencimentos, às formas de resistência, às formas de negação, às permanências, aos valores e aos princípios que possam conter informações sobre os sujeitos pesquisados.

Este modelo de pesquisa pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, de forma a desvelar conceitos ocultos ao público em geral, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer parte ativa deles, para ter acesso a informações que de outra forma seriam impossíveis de conseguir.

Usaremos um diário de pesquisador para registrar as observações interligadas com o objeto da pesquisa. Este tipo de coleta de dados levará o pesquisador a adotar temporariamente um estilo de vida próprio do grupo que está sendo pesquisado. A

observação participante, como técnica de trabalho de campo, é desaconselhada por alguns cientistas que acham que o pesquisador deve manter uma certa distância entre ele e o seu objeto de pesquisa em nome do resguardo da objetividade científica, mas dada a abordagem etnográfica, esta aproximação é aceite e entendida como uma forma de interlocução fundamental entre o pesquisador e o outro, o sujeito da pesquisa.

[...] a produção de conhecimentos é concebida como prática social, como construção coletiva, como processo histórico, em oposição a uma visão de ciência em que o rigor é assegurado por supostos e interessados atributos de neutralidade, objetividade e assepsia conceitual (COSTA, 2003, p, 14).

Nesta etapa, faremos entrevistas abertas a membros do culto, dentro de uma conversa informal, com registro de som e imagem, com finalidades exploratórias posteriores, objetivando um arquivo mais preciso dos conceitos e pensamentos abordados. Esta é uma das formas de explorar amplamente os pensamentos dos sujeitos. Seguem alguns modelos de perguntas que poderão ser feitas dentro das entrevistas:

- O que o levou a ser membro trabalhador do Vale do amanhecer?
- Quais suas funções no Vale do Amanhecer?
- O que sente ao ser membro do Vale do Amanhecer?
- Seguiu outra religião antes de entrar no Vale do Amanhecer? Caso responda sim, qual o motivo de sua mudança?

A entrevista aberta deve ser utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado e para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é amplamente utilizada para a compreensão de especificidades culturais de determinados grupos (MINAYO, 1992). As entrevistas serão transcritas e terão seu conteúdo ordenado, classificado e analisado durante o decorrer da imersão do pesquisador, assim como as anotações do diário do pesquisador.

Teixeira (2003), afirma que a análise deve acontecer simultaneamente com a coleta. Sem uma análise contínua, os dados podem não ter sentido. Merriam (1998) diz que a pesquisa qualitativa não é um processo linear, mas sim gradual, passo a

passo, interativo, recursivo e dinâmico, além de ser altamente intuitivo. Só desta forma se produzem dados confiáveis e fidedignos

Para analisar os dados, seguiremos uma tendência recente, a *Grounded Theory* descrita em Strauss e Corbin (1997). Esta teoria valoriza o envolvimento do pesquisador no processo de investigação, na forma como este se vê neste processo e não como o mundo exterior se lhe apresenta (LAYDER, 1993). O *grounded theorist* assume-se como responsável por seu papel interpretativo e inclui a perspectiva das vozes que são estudadas. Não se busca criar teorias sobre os atores individuais, mas sobre os padrões de pensamento e de ações, entre os vários tipos de unidades sociais do VDA, sobre os processos decorrentes das mudanças das condições, quer internas, quer externas, ao que se estuda (FERNANDES; MAIA, 2001).

Esta abordagem tenta estar um passo adiante na análise de conteúdo, buscando elementos a partir do significado e das explicações que os entrevistados atribuem aos eventos. Buscaremos classificar as palavras, frases ou mesmo parágrafos em categorias de conteúdo alinhadas com os objetivos de nossa pesquisa, tendo sempre em conta os quatro elementos essenciais da cultura de Bernardi (1974): o *anthropos*; o *ethnos*; o *oikos* e o *chronos*.

Esta pesquisa problematizará também a segregação do sujeito pela sua religião, raça e etnia. Os sofrimentos e angústias por detrás de uma busca espiritual são parte integrante de um patrimônio maior, construído e construtor de resistências. Há necessidade de reconhecer estes movimentos dentro da cultura sincrética brasileira. Existe muita obscuridade envolvendo esta temática e urge trazer luz à discussão. Debater a construção dos conceitos do preconceito religioso, ensejando um novo modo de compreender e valorizar as suas conexões com o pensamento dialógico humano, em especial com as resistências intrínsecas ao pensamento homogeneizador, torna-se um imenso campo ainda por explorar.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao problematizar a temática do pensamento decolonialista presente no culto espiritualista do Vale do Amanhecer, acreditamos que se permitirá uma compreensão mais ampla das funções sociais desta parte importante da cultura sincrética brasileira. Ao trazer a discussão da decolonialidade e das suas interligações com o sincrético,

para um campo mais concreto, de discussão acadêmica, nos afastando de considerações unicamente abstratas, metafísicas ou moralmente simplistas, se destacarão as ações sociais das comunidades religiosas, como o VDA, como sendo formas de resistência em contextos de opressão e injustiça. Argumentaremos em favor do pensamento decolonialista do sincretismo religioso do VDA, sistematizando e apresentando os conhecimentos obtidos pela pesquisa, afirmando as possíveis formas de resistência como atos de qualificação epistêmica.

## REFERÊNCIAS

BERNARDI, Bernardo; DA SILVA, AC Mota; MORÃO, Artur. **Introdução aos estudos etno-antropológicos**. Edições 70, 1974.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Jorge. **Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil**. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 1999.

CHUEIRE, Lúcia. **Religiosidades africanas e ameríndias**. Curitiba: Intersaberes, 2021.

COSTA, Marisa Vorraber.; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.9723, p. 36-61, maio/ago. 2003.

EVANGELISTA, Lázaro de Oliveira. **Religião de matriz Africana, acolhimento e educação**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200101/001102404.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 01 de Maio de 2022.

FERNANDES, Eugénia; MAIA, Ângela. **Grounded theory**. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4209/1/Grounded%20Theory.pdf> . Acesso em 25 de Abril de 2022.

HERSKOVITS, Melville Jean. **Antropologia cultural: o homem e seu trabalho**. São Paulo: Mestre Jou, 1963. p. 98-108

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAYDER, Derek. **New strategies in social research**. Cambridge: Polity Press, 1993.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos afro-asiáticos**, v. 23, p. 171-209, 2001.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1992.

PEREIRA, Rodrigo Rosa. Diáspora contemporânea: um convite à reflexão numa perspectiva histórico-literária. **Grau Zero—Revista de Crítica Cultural**, v. 4, n. 1, p. 71-92, 2016.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/mensagem.htm>. Consulta em 03 de maio de 2022.

PONTES, Jonael Lima. **Sacerdotisa da NOVACAP: a trajetória mágica de Tia Neiva e a modernização do centro-oeste**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/63651>. Acesso em 03 de maio de 2021.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 1996

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Grounded theory in practice**. Sage, 1997.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

SPIVAK, Gayatri, Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMS, 2020.

TEIXEIRA, Enise Barth. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

Recebido em: 26 de julho de 2022.

Aprovado em: 23 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/article/view/6421/7335>

---

<sup>i</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS, 2021), membro do Grupo de Pesquisa em Acessibilidade e do Laboratório de Ações Inclusivas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (GEPA LABAC/UFMS).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2487296103696212>.

E-mail: [paulo.rosas@ufms.br](mailto:paulo.rosas@ufms.br).